

14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

Hermenêutica do Design: interpretação, projeto e história

PORTUGAL, Daniel; Doutor; UERJ

dportugal@esdi.uerj.br

HAGGE, Wandyr; Doutor; UERJ

wandyr@gmail.com

BECCARI, Marcos; Doutor; UFPR

contato@marcosbeccari.com

Esta proposta de “Conversação” pretende promover reflexões sobre o design centradas na questão da interpretação. Seu objetivo é explorar os horizontes interpretativos nos quais artefatos, imagens e sistemas podem ganhar uma ou outra configuração específica. Em outros termos: investigar os modos de compreensão que possibilitam que eles sejam projetados e desejados, produzidos e consumidos. Eminentemente interdisciplinar, a proposta temática de uma Hermenêutica do Design se abre a esforços investigativos que entrelaçam saberes do design, da filosofia, da história e das ciências sociais, entre outras disciplinas.

Palavras-chave: Design, hermenêutica, interpretação, projeto, história.

1 Descrição temática e objetivos

Com a proposta temática de uma "Hermenêutica do Design", queremos abrir espaço para debates sobre design centrados na questão da *interpretação*. Com tal termo, não pretendemos indicar uma análise de significados supostamente universais, nem uma compilação de percepções individuais, e menos ainda uma avaliação da efetividade comunicacional ou do valor de verdade de artefatos, imagens ou sistemas. Aqui, a ideia de interpretação, em consonância com a tradição da hermenêutica filosófica, tem como foco a investigação dos *horizontes interpretativos* nos quais artefatos, imagens e sistemas podem ganhar uma ou outra configuração específica. Como coloca Casanova (2015, p. 243): "Para a tradição hermenêutica, compreender nunca é simplesmente tornar algo acessível de maneira redutora, mas sempre se colocar no horizonte interpretativo mesmo a partir do qual algo se revela como o que é".

Apresentada dessa forma, tal proposta pode parecer a um só tempo muito ampla e muito específica. Muito ampla, inicialmente, por deixar em aberto os objetos de análise. Embora tenhamos mencionado, acima, artefatos, imagens e sistemas, para dar conta dos objetos empíricos mais imediatamente associados ao campo do design, uma Hermenêutica do Design pode se voltar para qualquer objeto empírico. O que nos interessa é o direcionamento do estudo hermenêutico ao *design*. Nosso foco, portanto, é um objeto conceitual que se confunde com a própria definição de um campo de estudo, como é o caso da definição de "psique" para a psicologia, ou "social" para a sociologia, ou "vida" para a biologia etc. No nosso caso, o termo em questão é "projeto", ao qual a noção do design é tradicionalmente atrelada (embora seja possível e desejável, como desdobramento da presente proposta, o estudo hermenêutico de outras concepções de design). A princípio, pois, uma Hermenêutica do Design se concentra na dimensão projetual, que pode ser pensada em diversos níveis dentro dos horizontes interpretativos.

No nível mais geral, há o projeto em um sentido amplo, que se confunde com o próprio horizonte interpretativo, na medida em que ele oferece certas metas que organizam todo o campo de nossa experiência no mundo, bem como meios passíveis de serem articulados em função de tais metas. É nesse sentido que se fala, por exemplo, em um "projeto moderno".¹ Já no nível mais específico, projeto pode ser compreendido como um trabalho particular de elaboração realizado por um grupo de pessoas com um objetivo previamente definido – que é o que normalmente se entende por "projeto" no campo do design. Essas duas compreensões de "projeto" dificilmente aparecem juntas em um mesmo trabalho investigativo; mas é exatamente tal junção que uma Hermenêutica do Design pretende operar, atentando para as diversas camadas de sentido que inserem os projetos (em acepção mais restrita) em projetos (em sentido mais geral). Evidentemente, tal ligação não pode se dar em um pulo, afirmando-se, por exemplo, que certo projeto automotivo da Ferrari se insere no "projeto moderno". Essa afirmação é vaga e, para nossos propósitos, irrelevante, uma vez que não aponta para o que nos interessa: o *enraizamento* de um projeto em outros; ou, em termos latourianos, a rede (sedimentada por uma infinidade de projetos) que atua no desenvolvimento de projetos particulares (ver: LATOUR, 2005).

¹ "Projeto moderno" é um termo geral utilizado para fazer referência a modos de compreensão e ação que começaram a ganhar corpo por volta do século XVII, e que são marcados principalmente pela secularização e racionalização. Ver, a esse respeito: WAGNER, 2012.

Assim, uma investigação hermenêutica que atentasse para o projeto automotivo da Ferrari imaginado no exemplo anterior precisaria explorar uma gama de elementos que participam de tal projeto, tais como: designers, experiência e formação desses designers, executivos que contrataram os designers e lhes atribuíram funções específicas, escritórios, computadores, fábricas, noções do que é um automóvel, ideias associadas à marca, investidores, modo de funcionamento da empresa, leis que incidem sobre carros, percepções de designers e executivos do que os consumidores desejam, os consumidores em potencial etc. De uma maneira ou de outra, ela procuraria mostrar como esse projeto específico é mediado e orientado por uma série de outros elementos projetados sedimentados que compõem o horizonte interpretativo no qual o projeto particular se insere. O ponto principal a ser evidenciado é que a forma de efetivação do projeto da Ferrari de nosso exemplo depende da sedimentação de diversos outros projetos que agora atuam, em relação a ele, como pressupostos basilares.

Com tal delimitação do que estamos chamando de "Hermenêutica do Design", podemos enfrentar agora o outro risco observado no início do texto: o de que a proposta pareça muito específica. Alguns poderiam achar que estamos limitando o debate a investigações que sigam métodos específicos, fugindo, portanto, da ideia de uma "proposta temática"; outros, que a própria ideia de hermenêutica seria, por si mesma, muito restrita, e remeteria à produção de autores específicos, como Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur.

Sobre o primeiro ponto, vale diferenciar de saída entre método e metodologia, esta última compreendida como pensamento sobre o método. Evidentemente, não indicamos na proposta temática nenhum procedimento específico que os estudos a serem discutidos sob a bandeira de "Hermenêutica do Design" precisassem seguir. Portanto, não estamos interessados em definir métodos. Contudo, uma vez que partimos do princípio de que qualquer delimitação temática só pode ser realizada a partir de um horizonte interpretativo, claro está que tal horizonte também delimita, de maneira implícita ou explícita, possibilidades metodológicas. O tema "Hermenêutica do Design" exclui de imediato, por exemplo, qualquer estudo que ignore, em sua elaboração metodológica, os horizontes interpretativos, acreditando oferecer caminhos objetivos para uma compreensão válida em si mesma, universal ou absoluta de certo objeto.

Passa ao largo do debate hermenêutico qualquer abordagem que não reconheça: (1) que a própria definição dos problemas que projetos específicos abordarão só pode se dar dentro de horizontes interpretativos específicos²; (2) que as metodologias de projeto disponíveis são também parte desses horizontes interpretativos e delimitam de antemão as soluções concebíveis, não havendo neutralidade ou objetividade metodológica possível; (3) que o uso e o significado de artefatos, imagens e sistemas não emergem das vontades individuais nem daqueles que os projetam nem daqueles que os consomem, e tampouco podem ser remetidos aos desígnios de super-agentes como o "capitalismo", o "sistema", a "natureza" ou a "cognição humana", sendo necessário procurar suas raízes em horizontes interpretativos particulares que abrem possibilidades específicas de produção e consumo.

² Rittel e Webber (1973) cunharam a noção de *wicked problems* justamente ao perceberem que diferentes enquadramento de um problema já encaminhavam as possibilidades de solução para o mesmo: "[...] cada especificação do problema é a especificação de uma direção na qual um tratamento é considerado" (RITTEL; WEBBER, 1973, p. 161, tradução nossa). Eles opuseram esses *wicked problems*, em relação aos quais seria impossível estabelecer uma especificação única, aos *tame problems*, que já se encontrariam especificados. Para a abordagem hermenêutica, contudo, um *tame problem* só se estabelece como tal dentro de uma compreensão prévia que não é colocada em questão (é isso que faz com que uma especificação qualquer pareça a única possível). Em última instância, portanto, todos os problemas são *wicked problems*.

Estudos que não desconsideram os pontos mencionados, contudo, podem ser baseados em abordagens bastante diversas, o que nos leva à segunda objeção levantada acima: a de que a própria ideia de hermenêutica seria, por si mesma, muito restrita, e remeteria à produção de autores como Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur. Com efeito, o projeto de uma hermenêutica filosófica, que é a que nos interessa aqui, foi consolidado por Dilthey e, em seguida, redimensionado por Heidegger, de modo que investigações pautadas na ideia de horizontes interpretativos costumam se inserir no caminho aberto pelo pensamento desses autores.³ Contudo, partindo de tal caminho, muitas diferentes abordagens se estabeleceram, e não apenas aquelas que se mantiveram fiéis à ideia de hermenêutica, como as de Gadamer, Ricoeur e outras, mas também abordagens que cultivaram a ideia geral de horizontes interpretativos em novos terrenos – e estas são igualmente relevantes para a proposta temática de uma Hermenêutica do Design. As correntes estruturalistas e pós-estruturalistas, que serviram como base para os conhecidos estudos em design desenvolvidos na Cranbrook Academy of Art,⁴ por exemplo, sem dúvida se voltam para a compreensão de horizontes interpretativos, mesmo que não utilizem tal terminologia. Peguemos, a título de ilustração, a noção foucaultiana de discurso: em uma exposição esquemática, podemos dizer que ela indica um conjunto de condições de possibilidade para enunciados específicos. Não se trata, portanto, de certa compreensão daquilo que, de maneira ampla, estamos chamando de horizontes interpretativos? Assim, os estudos discursivos em design estariam inseridos no guarda-chuva de uma Hermenêutica do Design,⁵ tal como procuramos defini-la aqui. Também estariam incluídas neste campo temático investigações relacionadas à filosofia do design, especialmente discussões associadas aos trabalhos de autores como Sloterdijk, Latour, Flusser, Fry e Willis, os quais, de diferentes maneiras, dialogam diretamente com a tradição hermenêutica, sobretudo com o pensamento de Heidegger. São particularmente relevantes aqui trabalhos sobre o que Fry e Willis vêm chamando de “design ontológico” (WILLIS, 2006; FRY, 2015).

Até aqui, delineamos a Hermenêutica do Design sobretudo na interface entre filosofia e design. Mas as ciências sociais e a história também estão incluídas nesse campo temático necessariamente interdisciplinar. Para começar com as ciências sociais, podemos evocar o crescente número de estudos na interface entre design e antropologia, que tentam muitas vezes investigar as particularidades culturais de certas atividades projetuais. Se, com Geertz (1973), entendermos cultura como a teia de significados nas quais os humanos estão enredados, estaremos marcando a aderência de tal abordagem ao campo temático da Hermenêutica do Design. Ao propor tal definição de cultura, Geertz cita Weber, o que nos leva também a uma vertente sociológica que se define explicitamente como *interpretativa* e que está em consonância com a tradição hermenêutica. De fato, o termo central para a hermenêutica diltheyana, *verstehen* (compreensão), é o mesmo usado por Weber,

³ Sob uma leitura mais ampliada, contudo, o campo da hermenêutica tem uma origem muito mais remota. Dilthey (1972), por exemplo, o remete ao trabalho de leitura crítica que os gregos da era clássica faziam dos textos de Homero e de outros poetas antigos. Aqui, ao nos referirmos a uma “hermenêutica filosófica”, estamos indicando certo modo de pensar que coloca em evidência o caráter interpretado do mundo. Ver, a esse respeito: BECCARI, 2016; GRONDIN, 1999.

⁴ Para uma apresentação geral da Escola e dos trabalhos influenciados pelo estruturalismo e pelo pós-estruturalismo, produzidos a partir do final da década de 1970, ver: CAMARGO, 2011.

⁵ Interessante observar que, a depender justamente da abordagem hermenêutica da qual se está partindo, essa hierarquia poderia ser invertida ou reformulada. No caso de uma perspectiva foucaultiana, por exemplo, talvez faça mais sentido considerar como “guarda-chuva” os estudos discursivos em design, ou ainda pensar que tanto os estudos discursivos quanto os hermenêuticos deveriam estar inseridos numa “genealogia do design” – termo que, por sua vez, correria o risco de ser lido meramente como “história”. Explicamos nossa escolha pela “hermenêutica” a seguir, na nota 8.

contemporâneo de Dilthey, para definir sua orientação sociológica.⁶ Uma sociologia de base weberiana tem sido bastante profícua nos estudos sobre consumo, como atesta o trabalho de Colin Campbell (1989), e pode ser bastante relevante para uma Hermenêutica do Design, sobretudo para uma análise dos valores que orientam certas correntes do design.

Por fim, chegamos à questão da história, que propositadamente mantivemos em segundo plano até aqui, para simplificar a exposição, mas que está no cerne do projeto hermenêutico, e certamente também no de uma Hermenêutica do Design. Afinal, a própria ideia de horizonte interpretativo aponta para uma permanência do passado no presente, ou seja, mostra que a forma assumida por algo no presente depende de uma compreensão prévia que a articula dessa maneira e não de outras.⁷ Assim, quando um projeto em sentido específico é realizado, na própria maneira de colocação de um "problema", bem como nos processos criativos por meio dos quais algo é elaborado, na ideia do que seria uma "solução" e nos meios técnicos disponíveis para sua concretização, estão atuando construções sedimentadas que, de uma maneira ou de outra, são resultado de projetos anteriores. Em resumo, algo só pode ganhar uma definição em função de sua história e, quando especulamos sobre futuros possíveis para esse algo — atividade que está na base de qualquer projeto —, também é em função dos horizontes interpretativos historicamente constituídos que o fazemos.

Vale ressaltar uma vez mais que, quando apontamos para os horizontes interpretativos, não estamos pensando em significados abstratos, mas nos próprios mundos que se abrem para nós, com valores e sentidos que participam do processo de nossa constituição como sujeitos (ver: FOUCAULT, 2010) — e, assim, por meio de nós, do processo contínuo de redesenho do mundo. Tal visada interpretativa torna a questão da história tão central para esta proposta temática que, inicialmente, pensamos em dar-lhe o título “Genealogias do Design” — entendendo, com Fry (2012, p. 29, tradução nossa), que a “[...] genealogia é capaz de ligar os processos produzidos por atores e grupos socialmente conectados aos eventos [...] e às ações [pautadas por valores e sentidos específicos] que trouxeram à existência essas entidades sociais”.⁸

Nesse cenário, então, o campo da história do design ganha uma nova relevância e um novo desafio. Uma nova relevância na medida em que, longe de figurar somente como uma espécie de arquivo de projetos realizados, processos projetuais utilizados e mesmo estilos ou ideários

⁶ Para mais detalhes a respeito do uso de tal termo por Dilthey e Weber, ver: MARTIN, 2000.

⁷ A ideia de uma compreensão prévia é apresentada por Heidegger (2015, p. 211 [§ 32]) em *Ser e tempo*, a partir de três conceitos: posição prévia, visão prévia e concepção prévia. De toda forma, o importante é aquilo que expusemos no início do texto, ou seja, que a interpretação depende de horizontes interpretativos que a articulem. Para citar Heidegger: “[a interpretação] não lança, por assim dizer, um ‘significado’ sobre a nudez de algo simplesmente dado [...]. O que acontece é que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, o compreender de mundo já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe” (Ibidem). Em *Verdade e Método*, Gadamer (1999, p. 400) retoma e sintetiza tal perspectiva ao definir a “historicidade” como uma instância que precede e se antecipa a toda experiência e interpretação.

⁸ A escolha de um título para a proposta temática indica também algumas filiações teóricas. Acabamos desistindo de utilizar o termo “genealogia” no título porque seria difícil não ficarmos presos, na elaboração da proposta, aos pensamentos de Nietzsche e Foucault. Os dois são, com efeito, pensadores essenciais para o campo temático que procuramos delinear, e investigações de base genealógica sem dúvida nos interessam, mas não queríamos prender a proposta a autores específicos. A ideia de hermenêutica é, nesse sentido, mais aberta, especialmente devido aos campos de estudos interdisciplinares já consolidados que se servem desse termo. Aproveitando o ensejo, contudo, gostaríamos de citar um trecho de Nietzsche (2012, p. 181 [§ 301]) que poderia servir como uma espécie de epígrafe a esta nossa proposta temática de uma Hermenêutica do Design: “O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza — a natureza é sempre isenta de valor: — foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores!”.

projetuais, aparece agora também como o meio de acesso a uma cadeia projetual viva que se encontra sedimentada nos horizontes interpretativos a partir dos quais projetamos, pensamos sobre os projetos e acessamos os resultados de projetos anteriores (o mundo projetado que habitamos).⁹ Um novo desafio na medida em que a própria história aberta à nossa compreensão não se localiza fora dos horizontes interpretativos e não pode nunca ser abarcada em sua totalidade. Em outros termos: de um ponto de vista hermenêutico, as investigações históricas só podem construir *histórias* do design, ou seja, certas *interpretações* da história do design. São possíveis e desejáveis, portanto, investigações acerca dos horizontes interpretativos que estão na base de modos específicos de interpretação da história do design.

Assim, acreditamos ter delineado com certa clareza essa proposta temática orientada pelo conceito de *interpretação*, e mostrado como ela pretende congrega, sob o signo de tal conceito, diversos esforços investigativos que mobilizam saberes do design, da filosofia, da história e das ciências sociais, entre outras disciplinas.

2 Dinâmica

Esta conversação se caracteriza como uma conversa entre pesquisadores que dialogam com a proposta temática acima delineada. Cada pesquisador apresenta rapidamente o foco de suas pesquisas com abordagens interpretativas, para que os interessados comecem a se conhecer mutuamente. A partir dessas apresentações, procuramos identificar afinidades e linhas de pensamento mais ou menos definidas. Com isso, espera-se abrir portas para atividades acadêmicas futuras relacionadas a uma hermenêutica do design, ou seja, a abordagens interpretativas no campo do design. A conversação acontece na plataforma Google Meet.

3 Relato da atividade e resultados obtidos

Às 14h do dia 26 de outubro reuniram-se via Google Meet: Daniel B. Portugal, Wandyr Hagge, Marcos Beccari (participantes proponentes); Leonardo Kussler, Carlo Franzato, Bruno Lorenz, Luise Krause, Ana C. S. Costa, Christiano Pozzer, Marcos Paulo Pereira (participantes) e Mariana Boghossian (ouvinte) — ao total, portanto, 11 participantes. A conversação se iniciou com uma apresentação de cada participante, na ordem listada acima, na qual estes indicaram alguns elementos que orientam seus esforços de pesquisa. Apareceram nomes dos seguintes autores de referência: Nietzsche, Latour, Heidegger, Gadamer, Flusser, Preciado, Merleau-Ponty, Sloterdijk, Fry, Willis, Vermaas, Verbeek, Haraway, Arendt. Foram relatados percursos de formação diversos, que atravessavam as seguintes áreas do conhecimento: Design, Economia, Educação, Filosofia, História e Arquitetura.

Após as apresentações, foi discutido como os esforços de pesquisa que abordam o design a partir das humanidades poderiam se enquadrar no "campo do design". Os participantes notaram que, em um campo que já se definiu pressupondo certas abordagens, é certo que uma abordagem diferente daquela que delimita o campo será costumeiramente renegada. Uma hermenêutica do design, portanto, não se enquadra facilmente em um campo

⁹ Como escreve Fry (2015, p. 42, tradução nossa): “O caráter histórico (*historicality*) do design precisa ser reconhecido como uma instância específica da dinâmica de ser e vir-a-ser de sujeitos e objetos por meio da qual ‘nós’ entramos na historicidade (*historicity*) de um mundo projetado (*designed world*), adquirimos uma agência projetual (*design agency*) historicamente atribuída e, gradualmente, produzimos efeitos históricos por meio de práticas de design que criam ‘coisas’ que transformam as condições de ser nas quais outros nascerão”.

previamente definido — seria preciso, em certo sentido, sair do campo do design para conseguir interpretá-lo. Mas essa saída não poderia, justamente, caracterizar o campo de *estudos* em design? Ou ela tampouco se enquadra aí? Houve divergências a esse respeito, bem como sobre a importância de se lutar para que as instâncias acadêmicas reconheçam a inserção desse tipo de pesquisa. Alguns frisaram que esse reconhecimento teria um impacto prático, por exemplo na concessão de verbas de pesquisa; outros destacaram que o importante seria conseguir dar mais visibilidade e reconhecimento para pesquisas interdisciplinares como as ligadas a uma hermenêutica do design, que não se enquadram bem em nenhum campo. Seguindo adiante, foi criticado o distanciamento da maior parte dos cursos de design em relação a abordagens humanísticas — boa parte dos cursos superiores em design são eminentemente técnicos. Outra questão colocada em pauta foi a obsessão do campo do design em sempre começar um trabalho voltando à questão da definição de design — seria mais produtivo começar a trabalhar com alguma definição mais ou menos disseminada, sem despendar tantos esforços na discussão da definição propriamente dita?

Ao longo da conversa, os participantes indicaram diversos tópicos de interesse. Foi possível listar os seguintes tópicos que os participantes acreditam se enquadrar no contexto geral de uma hermenêutica do design: Design ontológico (com a pergunta-chave: como o design conforma realidades?); design crítico-especulativo e a capacidade de imaginar futuros; crítica do design, sobretudo uma tentativa de entender os valores e sentidos que pautam projetos (nossos modos costumeiros de projetar estariam ainda muito balizados pelos pressupostos modernistas?); a transformação histórica dos conceitos de design, e autocompreensão de um campo sempre cambiável que, no entanto, tende a defender provisoriamente identidades. Acreditamos que esses tópicos, juntamente com as questões levantadas anteriormente, podem nos ajudar — e muito — a pensar em como fomentar ambientes que possam levar adiante e ampliar os esforços de pesquisa em design comprometidos com uma abordagem interpretativa.

Referências Bibliográficas

- BECCARI, M. **Articulações simbólicas: uma nova filosofia do design**. Teresópolis: 2ab, 2016.
- CAMPBELL, C. **The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism**. Oxford: Blackwell, 1989.
- CAMARGO, I P. **O Departamento de Design Gráfico da Cranbrook Academy of Art (1971-1995): novos caminhos para o design**. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CASANOVA, M. **Compreender Heidegger**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DILTHEY, W. The Rise of Hermeneutics. **New Literary History**, v. 3, n. 2, 1972, pp. 229-244.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad. M. A. Fonseca; S. A. Muchail. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FRY, T. Whither Design / Whether History. In: FRY, T.; DILNOT, C.; STEWART, S. C. **Design and the question of History**. London: Bloomsbury, 2015.
- _____. **Becoming Human by Design**. London: Berg, 2012.
- GADAMER, H. G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. F. P. Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

- GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. B. Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. M. S. C. Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LATOUR, B. **Reassembling the Social**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LAVOIE, D. (Org.). **Economics and Hermeneutics**. London: Routledge, 2005.
- MARTIN, M. The Classical Verstehen Position. In: _____. **Verstehen: The Uses of Understanding in Social Sciences**. New Brunswick: Transaction, 2000.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RITTEL, H.; WEBBER, M. Dilemmas in a General Theory of Planning. **Policy Sciences**, v. 4, 1973.
- WAGNER, P. **Modernity: Understanding the Present**. London: Polity Press, 2012.
- WILLIS, A.-M. Ontological Designing. **Design Philosophy Papers**, v. 4, n. 2, p. 69-92, 2006.